

PROCESSO DE PROJETO PARTICIPATIVO: CRIAÇÃO EM ARQUITETURA SÓCIO-AMBIENTAL PARA O NÚCLEO AMIGOS DA TERRA (CASANAT)

Carolina Herrmann Coelho de Souza(1); Cristian Mauricio Riveros Illanes(2); Ingrid Pontes Barata Bohadana(1); Fernando Campos Costa(2); Letícia Castilhos Coelho(1); Letícia Teixeira Rodrigues; Letícia Thurmann Prudente(1); Nauíra Zanardo Zanin(1); Sílvio Santi; Vivian Dall Igna Ecker(1)

(1) Universidade Federal do Rio Grande do Sul; e-mail: vivianecker@terra.com.br

(2) Universidade Luterana do Brasil, e-mail: fercosta@yahoo.com.br

RESUMO

Os projetos de arquitetura, muitas vezes, ficam distantes do novo paradigma sócio-ambiental que as cidades enfrentam por não haver maior diversidade de áreas do conhecimento envolvidas no processo de projeto. A equipe de arquitetos denominada “Criação em Arquitetura Sócio-Ambiental”, responsável pelo projeto da sede do Núcleo Amigos da Terra/ Brasil, desenvolveu uma metodologia participativa que propiciou uma visão mais abrangente como componente fundamental na qualidade técnica do projeto, além de potencializar discussões sobre problemas urbanos e ampliar a responsabilidade social perante os altos impactos ambientais gerados pela indústria da construção civil. **Objetivo:** este artigo relata uma experiência coletiva do fazer arquitetura de forma cooperativa e interdisciplinar, inserindo os usuários e a comunidade em geral no processo. **Metodologia:** gestão de projeto participativo, através de imersões internas da equipe, atividades abertas como mutirão projetual (*Charrette*) e seminários técnicos. **Resultados:** criação e aplicação de uma metodologia participativa de projeto arquitetônico; integração de profissionais, instituições e universidades; divulgação na mídia de temas como edificações sustentáveis e materiais de baixo impacto ambiental; apropriação do projeto e da gestão dos espaços pelos usuários.

Palavras-chave: metodologia de projeto; processo participativo.

ABSTRACT

Architectural designs are usually far from the new social-environmental paradigm which cities face due to the inexistence of a larger diversity of knowledge areas involved in the design process. The architects team named “Social-Environmental Architecture Creation”, responsible for Friends of Earth Brazil’s new building design, have developed a participative methodology, which provided a wider view, as a basic component to improve design’s quality, besides providing discussions about urban problems and increasing social responsibility to face the high environmental impacts caused by construction industry. **Objective:** this paper explains a collective experience of doing architecture in a co-operative and interdisciplinary way, inserting users and community in the process. **Methodology:** management of participative design, through team’s internal immersions, open activities such as collective project process (*Charrette*) and technical seminars. **Results:** creation and application of a participative architectural design methodology; integration of professionals, institutions and universities; divulgation at mass communication topics like sustainable buildings and low-impact materials; design appropriation by users.

Keywords: design methodology; participative process.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo visa relatar a experiência coletiva de desenvolvimento do projeto arquitetônico para a primeira sede própria do Núcleo Amigos da Terra Brasil (NAT). O NAT é uma entidade ambientalista (organização da sociedade civil de interesse público), com histórico de mais de 40 anos de lutas ambientais no estado do Rio Grande do Sul (RS), responsável pelas primeiras manifestações ecológicas de repercussão nacional e internacional, surgidas com figuras importantes como Magda Renner. Em outubro de 2005, esta entidade recebeu a cedência, pelo Patrimônio da União, de uma edificação de caráter histórico para utilizar como sede, porém necessitando de reforma para o uso, localizada no bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre/ RS. Assim, com o mesmo intuito sobre preocupações ambientais, esta entidade buscou profissionais qualificados em sustentabilidade entre arquitetos, engenheiros, professores, mestrandos e acadêmicos, para iniciar um processo de discussões sobre um projeto que atendesse às questões ambientais urbanas. Simbolizando o início do processo, em janeiro de 2006, ocorreu uma grande reunião-visita na futura sede com estes profissionais, pessoas do NAT e comunidade local, iniciando a ocupação da casa com a colocação de uma faixa e a interação entre os envolvidos, como mostra a figura 01 a seguir.



Figura 01: primeira reunião na futura sede. Foto: Letícia Prudente (31/01/2006).

O início do projeto arquitetônico foi possibilitado pela aprovação de um projeto que o NAT enviou a um edital com o tema “Modo de Vida Sustentável em Meio Urbano” dos Amigos da Terra Internacional (*Friends of Earth Internacional*) em julho de 2006, ano que se formou a equipe técnica. Esta foi constituída por dez arquitetos que preferiram formar um grupo com uma única proposta de trabalho, partindo do princípio da **cooperação**, baseados em experiências coletivas anteriores. Desta forma, o desafio foi conciliar distintas disponibilidades e olhares, originando um processo coletivo de projeto e criando uma metodologia de trabalho específica para esta situação.

O objetivo deste artigo é descrever esta metodologia do fazer arquitetura de forma cooperativa e interdisciplinar, inserindo os futuros usuários, a comunidade local e as pessoas interessadas no tema do projeto: “Centro de Referência para Edificações Sustentável em Meio Urbano”. A equipe formada para este trabalho, que durou seis meses e ainda não se encerrou, é responsável pelo projeto arquitetônico e pela promoção de atividades abertas ao público com discussões de temas pertinentes ao processo de projeto.

2. PRINCÍPIOS DE TRABALHO

Anteriormente ao início do projeto, foram definidos alguns princípios de trabalho a serem perseguidos durante todo o processo, os quais orientaram a gestão, a participação e as formas de decisões. A base destes princípios busca uma maior interação das diferentes visões envolvidas com o equilíbrio entre o campo pessoal e o coletivo para uma maior qualidade do processo e, conseqüentemente, do projeto. A seguir, apresenta-se a descrição destes princípios com seus objetivos:

- **interdisciplinaridade no processo de projeto:** integrar todas as qualidades, debilidades e complementaridades dos componentes da equipe técnica e outros participantes, como colaboradores, consultores e usuários, através de atividades projetuais coletivas e debates sobre temas específicos;
- **planejamento do trabalho:** decidir coletivamente no grande grupo ou em pequenos, segundo suas potencialidades, para definição de objetivos e tarefas propostas, as quais são vivenciadas e avaliadas a cada etapa de trabalho ou atividade extra;
- **equilíbrio entre individual e coletivo:** considerar o cuidado com campo pessoal dentro do grupo, criando-se espaços de diálogos para impressões emocionais de cada pessoa em relação ao grupo e vice-versa. Segundo GEESE (2005), as manifestações emocionais influenciam de forma positiva ou negativa o trabalho, de acordo com as necessidades individuais e coletivas de manifestação dos sentimentos produzidos durante o processo, pois são de igual importância ao trabalho em si;
- **resoluções de conflitos:** aproveitar conflitos que venham a surgir como oportunidade de novas soluções de problemas, otimizando a diversidade de pessoas. As diferenças são tanto um sinal de saúde como um convite à criatividade, sendo necessário que todas as partes envolvidas em um conflito sejam ouvidas e compreendidas (GEESE, 2005);
- **decisões por consenso:** buscar tempo e espaço suficiente para que cada um coloque sua opinião e esta seja ouvida e apropriada por todos. Segundo Briggs (1997), é a forma em que um grupo de iguais toma decisões, processo pelo qual acredita-se que cada indivíduo possui uma parte da verdade. É um processo demorado, porém com rápida execução posterior.
- **liderança circular:** descentralizar o poder e dividir as responsabilidades, onde todos são convidados a assumir o papel de líder nas áreas em que forem naturalmente especialistas, sendo um papel rotativo. Segundo GEESE (2005), habilidades do **intelecto** como clareza, pensamento estratégico e capacidade de síntese; da **vontade** como determinação e persistência para agir; e do **coração** como generosidade, tolerância, paciência e humildade são importantes para este tipo de liderança;
- **apropriação do projeto pelos usuários:** realizar entrevistas com todos os membros da equipe interna e do conselho diretor do NAT, além de propor reuniões de discussão do projeto durante o processo e estimular a participação dos usuários nas atividades abertas.
- **envolvimento da mídia:** divulgar o projeto e demais eventos a ele relacionados, convidando a comunidade interessada a participar das decisões tomadas nas diferentes etapas de trabalho e, ao mesmo tempo, difundir os conhecimentos e tecnologias a serem aplicados no projeto;

3. METODOLOGIA

A metodologia de trabalho utilizada foi desenvolvida a partir de uma gestão de projeto participativo, através de reuniões internas da equipe, atividades abertas como mutirões projetuais e seminários técnicos, buscando-se uma perspectiva interdisciplinar com o diálogo e a troca de conhecimentos em uma construção projetual coletiva. A figura 02 mostra o desenho deste processo.

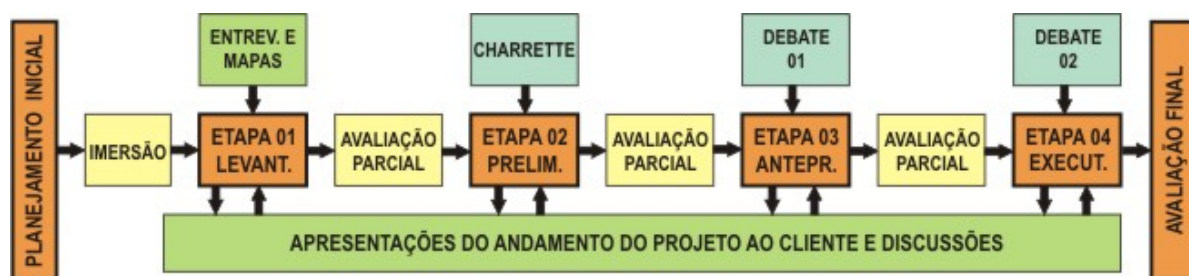


Figura 02: desenho do processo.

O processo se divide em quatro etapas de projeto arquitetônico convencional (levantamento, estudo preliminar, anteprojeto e projeto executivo) com a inserção de atividades extras, organizadas para fomentar a integração da equipe de arquitetos e a participação conjunta de especialistas, colaboradores, clientes e demais interessados no tema do projeto. Durante todo o processo ocorreram reuniões semanais com toda a equipe técnica que se dividia segundo disponibilidades e potencialidades de cada um, seguindo as etapas de trabalho e demais atividades apresentadas a seguir.

- a) **Planejamento inicial:** reuniões de organização e definição dos princípios para a gestão do trabalho pela equipe técnica, buscando-se propostas de cronograma e plano de trabalho;
- b) **Imersão de planejamento:** encontro de um dia fora da cidade, com a colaboração de uma facilitadora externa, com o objetivo de decidir sobre a visão, missão e cola do grupo, bem como definir papéis, divisão de tarefas, forma de remuneração e organização do trabalho;
- c) **Entrevistas e mapas mentais:** interação entre equipe técnica e futuros usuários (cliente) para a definição do programa de necessidades, enfocando a compreensão das funções de cada um dentro do NAT, suas expectativas e necessidades em relação ao futuro espaço de trabalho;
- d) **Etapa 01- Levantamento Preliminar:** etapa prévia ao projeto para entrevistas, levantamentos físico e fotográfico da edificação, análises do entorno, condicionantes legais, pesquisa de referências para o projeto e preparação para uma atividade coletiva de projeto (*Charrette*¹);
- e) **Apresentações de andamento do projeto:** reuniões de discussão e aprovação do projeto com o cliente, na metade e no final de cada etapa de projeto, momentos também de avaliação e contribuições entre usuários e arquitetos envolvidos na equipe técnica;
- f) **Avaliação parcial do processo:** reuniões para avaliação do processo entre a equipe técnica, ao término de cada etapa, quando se averiguava como cada um estava naquele momento e como estava percebendo o processo, bem como o andamento do projeto desenvolvido;
- g) **Mutirão Projetual/ Charrette:** principal atividade coletiva de projeto, realizada durante dois dias com 25 pessoas, a partir de dinâmicas participativas buscou-se o objetivo de lançar idéias, conceitos e princípios norteadores para o início do projeto arquitetônico;
- h) **Etapa 02- Estudo preliminar:** etapa mais curta do processo, em que se sistematizou os resultados da *Charrette*, conciliando-os com os pré-lançamentos e dimensionamentos anteriores dos ambientes, definindo-se assim um único partido geral para o projeto;
- i) **Debates 01 e 02:** atividades abertas com o objetivo de envolver um maior número de pessoas no processo, denominados “Debates CaSaNaT”, quando se apresentava e discutia os conceitos e tecnologias sustentáveis utilizados no projeto;
- j) **Etapa 03- Anteprojeto:** etapa mais longa que gerou grande discussão e criatividade da equipe para adequar o projeto às exigências legais, principalmente, em relação às áreas abertas e possibilidades de volumes, realizando-se uma consultoria sobre o tratamento de efluentes;
- k) **Etapa 04- Projeto Executivo:** etapa em andamento, início do processo de aprovação do projeto na Prefeitura e desenvolvimento dos detalhamentos executivos, bem como a parceria com o NAT para a divulgação e busca de recursos financeiros para a construção;
- l) **Avaliação Final:** encerramento, avaliação do processo e previsão de futuro processo de obra.

¹ *Charrette* é um termo referente a um workshop intensivo com interessados, especialistas e consultores no resultado ou em um planejamento de projeto específico. Para empreendimentos “verdes”, consideram-se questões econômicas, sociais e ambientais, buscando uma sinergia entre várias idéias (SATTLER, 2004 apud MOUNTAIN, 1998).

4. RESULTADOS

Os resultados apresentados referem-se às atividades mais significativas do desenvolvimento do projeto participativo, relativos à organização interna da equipe técnica e demais envolvidos no processo, como o NAT (cliente), os colaboradores, os consultores e a comunidade em geral.

4.1 Organização da equipe CaSaNaT

A equipe técnica Criação em Arquitetura Sócio-Ambiental para o Núcleo Amigos da Terra (CaSaNaT), formada por dez arquitetos, teve como desafio trabalhar com um grupo relativamente grande para a demanda deste projeto. Ao mesmo tempo, por serem distintas pessoas com diferentes envolvimento com este e outros projetos a fim, conseguiu-se desenvolver um processo qualificado de trabalho que gerou, por consequência, um projeto igualmente qualificado, bem como uma troca de experiências, onde todos aprenderam com os problemas e soluções desenvolvidos.

4.1.1 Imersão de planejamento

O primeiro passo foi em relação à definição de como trabalhar em conjunto. Assim, depois de diversas reuniões prévias sobre a gestão, se realizou a atividade de imersão de planejamento, em um local onde alguns já desenvolviam trabalhos com técnicas apropriadas de arquitetura mais sustentável. Ocorreu no Centro de Formação de Trabalhadores Sepé Tiarajú, num assentamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), na cidade de Viamão/RS, durante um dia inteiro com todos da equipe, sendo que alguns chegaram a dormir antes para a preparação do local. Este encontro foi focalizado por uma pessoa externa que teve o papel de facilitar o processo do grupo, onde através de dinâmicas e exercícios coletivos foram identificados os desafios e as potencialidades individuais e coletivas, bem como as expectativas em relação ao projeto e as necessidades sutis e pragmáticas para a realização do trabalho. Alguns potenciais identificados foram: capacidade de trabalho, experiência, vontade, organização, sonho, conhecimento técnico. Por outro lado, os principais desafios identificados foram conciliar tempos e disponibilidades.

Havia o objetivo de se definir o que era consenso para este grupo no contexto deste trabalho. Assim, buscou-se a **visão** do grupo, seus fundamentos e valores comuns, para definir a **missão**, um norte claro a ser seguido junto, bem como a base que unia todos no momento para este trabalho, denominada **cola** (GESSE, 2005). Devido a questões de tempo, não se chegou a formar frases definitivas sobre a visão e a missão, mas alguns itens foram citados como visão: tornar o ideal real, sustentabilidade na arquitetura urbana, avanço do processo, semente em terra fértil. Como **missão**, foram apontados: construir sustentavelmente; desafio do grupo com trabalho de qualidade e cuidado nas relações; processo coerente; educativo-pedagógico; sustentabilidade social, econômica e ambiental; macro-micro; regar-cuidar. A **cola** era clara para todos: arquitetura sustentável. Estas questões foram explicitadas e apresentadas teoricamente por parte da facilitadora, bem como temas sobre processos de tomada de decisão, visto que o grupo estaria constantemente decidindo durante o processo. A figura 03 mostra alguns momentos neste local.



Figura 03: imersão – trabalho, almoço coletivo e avaliação. Fotos: Letícia Prudente (04/12/2006)

Depois deste momento mais teórico, iniciou-se um processo de tentar entender melhor o que seriam as atividades do projeto e como se poderia dividi-las entre o grupo. Foi uma discussão um pouco desgastante e não se chegou a uma conclusão final. Iniciou-se também uma discussão sobre a remuneração dos diferentes trabalhos que, igualmente, não foi concluída devido à falta de tempo e ao desgaste dos participantes.

Considerou-se importante a definição de papéis, entretanto, durante a imersão, estes foram apenas descritos, a saber: coordenação técnica; coordenação de complementares; financeiro e administrativo do grupo; aprovação; relações exteriores (NAT e eventos); representação gráfica; organização de informações; orçamento e recursos para obra e mediação do grupo. A equipe, como um todo, optou por descartar a figura de um coordenador geral do trabalho. Durante o processo, alguns papéis foram assumidos por determinados integrantes, com flexibilidade para troca de papel entre os membros. Outros papéis eram bastante flutuantes, mudando de responsável a cada reunião.

As necessidades identificadas pelo grupo foram: espaço físico, espaço virtual, reuniões, decisões, comunicação e informação. Uma das mais citadas foi a necessidade de um espaço coletivo de trabalho. Durante o processo, o principal espaço de trabalho foi o NORIE (UFRGS), devido a cooperação da linha de pesquisa de Edificações e Comunidades Sustentáveis com o projeto. Entretanto, este espaço era mais utilizado para reuniões de planejamento e lançamento de idéias, sendo pouco utilizado para a produção de material das entregas, pois não contava com computadores para o trabalho em equipe. Como espaço virtual, criou-se um e-mail, que todos os membros do grupo tinham acesso, para o envio de todas as informações relativas ao processo e ao projeto.

4.1.2 Organização de trabalho

Com relação à organização do trabalho, a equipe realizava reuniões semanais de planejamento e trabalho, em horário adequado para todos os membros, usando espaços do NORIE. Desta forma, criou-se um ritmo de trabalho com uma frequência fixa e outras reuniões eventuais neste mesmo local, de acordo com as demandas das distintas etapas.

Constatou-se que houve um maior envolvimento de todos do grupo nas etapas iniciais do trabalho, pois se necessitava um tempo maior para organização e gestão, restando pouco tempo para a discussão do projeto, o que se inverteu no decorrer do processo. O grupo buscou tomar decisões por consenso, porém isso nem sempre era possível, uma vez que havia demanda de cumprimento de prazos e o consenso é uma forma mais demorada de tomada de decisão. A forma de remuneração foi decidida ao final da primeira etapa através de horas de trabalho, que apesar de não ser a ideal, foi considerada a mais justa. A divisão do trabalho ocorreu de acordo com as potencialidades, disponibilidades e perfis de cada integrante da equipe. Em alguns momentos, ocorreram trocas de saberes, difundindo os conhecimentos específicos entre os integrantes da equipe, uma vez que alguém não dominava muito um assunto e queria aprender, trabalhava com quem tinha mais conhecimento sobre o tema.

Durante as reuniões e os trabalhos em equipe também foram incorporados momentos para reflexão, percepção e apresentações pessoais, como uma forma de aproximar as pessoas e aumentar a confiança, fortalecendo-se os laços de respeito e afetividade. Estes momentos ocorreram desde os primeiros encontros, reforçando-se durante a imersão e afirmando-se nas reuniões posteriores. Nas avaliações do processo, a ordem de questionamentos era sempre: “*como está você, como está o processo e como está o projeto?*”. Também se buscou descontrair em alguns momentos com dinâmicas interativas, pois muitas vezes as reuniões duravam muitas horas seguidas, desgastando a equipe.

4.2 Equipe técnica x cliente

A relação da equipe técnica com o cliente ocorreu dentro de um processo de confiança recíproco, garantindo maior aproveitamento do tempo e melhor comunicação entre os grupos, uma vez que o projeto foi desenvolvido para outro coletivo: um grupo de pessoas e não um cliente individual. Sempre se buscou envolver o cliente-grupo (futuros usuários) o máximo possível, em todas as decisões e

etapas do trabalho, para que o projeto fosse efetivamente desenvolvido como um processo participativo. Neste sentido, foram realizadas **entrevistas** com todos os membros da entidade para que as pessoas começassem a se sentir parte do processo e, desta forma, diversas necessidades em relação ao projeto foram identificadas, as quais não eram claras inicialmente. Além disso, foram realizadas as reuniões para apresentação das etapas de trabalho através de entregas e pré-entregas, sendo que essas trocas de informação eram aprimoradas e o projeto foi aprovado pelos futuros usuários em todas as entregas.

Com o propósito de identificar necessidades mais sutis e emocionais dos usuários em relação ao projeto, realizou-se o método de **mapas mentais** com os membros presentes na primeira pré-entrega. Sete pessoas desenharam, e os resultados mais marcantes foram a busca de: uma escala e identidade residencial para a nova sede; uma relação equilibrada entre a edificação e a natureza existente no local; e o desejo de aquecimento solar da edificação, como se pode ver na figura 04.



Figura 04: mapas mentais dos futuros usuários.

Nas atividades externas, como o Mutirão Projetual/ *Charrette*, a participação de membros do NAT foi de extrema importância para que os requisitos dos futuros usuários fossem contemplados nas propostas resultantes do encontro, bem como nos Debates CaSaNaT com os temas específicos sobre técnicas a serem incorporadas ao projeto. Ao longo do processo, que contou com sete reuniões com o NAT, percebeu-se que houve uma interação e apropriação gradual do projeto, constatados através do aumento do número de participantes nas reuniões de apresentação, assim como através do entendimento da forma e da funcionalidade do projeto pelos usuários percebidos em seus comentários. A figura 05 mostra as reuniões de apresentação na atual sede do NAT e no NORIE/UFRGS.



Figura 05: reuniões de apresentações entregas. Fotos: Letícia Prudente e Caroline Gatt (dez 06 e mar 07).

4.3 Equipe interna x colaboradores

Com a finalidade de alcançar melhores resultados nos aspectos técnicos do projeto e efetivar a participação de um maior número de especialistas e pessoas interessadas no tema desenvolvido, foram organizados dois grandes eventos específicos, o Mutirão Projetual/ *Charrette* e os Debates CaSaNaT. Destaca-se que, desde o início do processo, a equipe contou com a cooperação da Linha de Pesquisa de Edificações e Comunidades Sustentáveis do NORIE/ UFRGS.

4.3.1 Mutirão projetual/ *Charrette*

O Mutirão projetual/ *Charrette* ocorreu em janeiro de 2007, entre as Etapas 01 e 02 de projeto, com o objetivo principal de agregar diferentes visões e soluções ao lançamento inicial do projeto de forma

coletiva. Participaram especialistas e profissionais de diferentes áreas junto com a equipe técnica e pessoas do NAT. Foi o momento de maior profusão de idéias que resultou em uma rica experiência, com definições que serviram de guias até o final do projeto. O evento ocorreu durante dois dias no Rincão Gaia², local de referência em tecnologias sustentáveis e regeneração ambiental, onde já haviam ocorrido atividades semelhantes com o Prof. Miguel Aloysio Sattler (NORIE), que cooperou na promoção do evento juntamente com a equipe técnica e o NAT, além do apoio da Fundação Gaia.

No primeiro dia ocorreram apresentações, contextualizações, (re)conhecimentos e primeiras trocas de informações entre as pessoas. No segundo dia realizaram-se propostas direcionadas para o projeto em si, já com princípios e conceitos demonstrados em partidos gerais. A figura 08 mostra alguns momentos de criação coletiva. Ocorreram apresentações de cada participante, do andamento do projeto e de temas chaves exaltados por alguns professores. Durante todo o encontro, buscou-se criar um ambiente de diálogo entre a realidade de dados pragmáticos do projeto e ideais trazidos com a bagagem de cada participante. Foram desenvolvidas dinâmicas em círculos grandes e pequenos, dividiam-se as pessoas em grupos menores que contavam sempre com integrantes da equipe técnica e do NAT. O formato de círculo foi o mais exaltado, para a melhor visualização e equidade entre as pessoas nos momentos de falas e opiniões. Na figura 06 podem ser visualizados os círculos de apresentação dos participantes, do andamento do projeto e do início das atividades coletivas.



Figura 06: grandes círculos no Rincão Gaia. Fotos: Nauíra Zanardo Zanin (14/01/2007).

No momento, chamado de “Primeiras Impressões”, se dividiu o grande grupo em cinco para verificar alguns princípios básicos e esclarecer informações. Logo após, estes grupos foram rearranjados em outros cinco, chamados “Grupos Temáticos”: a) Critérios de sustentabilidade e materiais; b) Bioclimático; c) Manejo das águas e resíduos; d) Energias; e) Uso e fluxos, forma e estética e entorno. Buscou-se potencializar a troca e a construção de consensos por temas que, ao final do primeiro dia, foram apresentadas ao grande grupo.

A *Charrette* foi marcada por diversos momentos lúdicos, que podem ser visualizados na figura 07, com dinâmicas que visavam à interação e à flexibilidade do processo, proporcionando descontração e criatividade, como as “chamadas musicais” que marcavam o início de cada atividade.



Figura 07: chamada musical, refeição e retorno. Fotos: Ingrid Bohadana e Nauíra Zanin (14 e 15/01/2007)

² O Rincão Gaia é a sede rural da Fundação Gaia, entidade ambientalista fundada por José Lutzemberger.

Como resultado tivemos trabalhos com enfoques em diferentes áreas, sendo apresentadas idéias que, pouco a pouco, mostravam uma sincronia do pensar e ao mesmo tempo, eram complementares chegando-se a uma solução semelhante. Na manhã do dia seguinte, dividiu-se o grande grupo em três para o objetivo de lançar um partido geral que contemplasse as idéias apresentadas pelos grupos temáticos, lançando-se os primeiros traços na tentativa de contemplar o programa de necessidades e as soluções técnicas (CASANAT, 2007). A figura 08 mostra alguns dos momentos de criação coletiva dos grupos.



Figura 08: grupos de trabalho. Fotos: Nauíra Zanardo Zanin (14 e 15/01/2007).

No final do dia as propostas foram apresentadas e avaliadas por todos, o que resultou num único desenho com os pontos de convergência, o conceito síntese do projeto a ser desenvolvido e aprimorado pela equipe técnica no decorrer do processo. Houve uma avaliação do evento da qual foram faladas impressões do processo e do projeto, com colocações livres e positivas, pois o grupo se demonstrou contente por realizar este trabalho em conjunto, não se sentia cansado e sim satisfeito com as energias renovadas. Ocorreu, ainda, um tempo de descanso e conhecimento melhor do local.

4.3.2 Debates CaSaNaT

Os Debates CaSaNaT foram atividades abertas ao público em geral, que contribuíram em soluções técnicas e deram suporte às decisões, bem como divulgaram e ampliaram discussões sobre os princípios e técnicas para a uma “casa mais sustentável” no meio urbano. Foram realizados dois, até este momento, sendo convidados especialistas para explanar sobre diferentes tecnologias que seriam utilizadas no projeto. O primeiro foi realizado no NORIE, em janeiro de 2007, com tema do uso de “Energia Solar Fotovoltaica” com a exposição pelos professores Izete Zanesco e Adriano Moehlecke, coordenadores do Centro Brasileiro para Desenvolvimento de Energia Solar Fotovoltaica (CBSolar) e professores da faculdade de Física da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Contou com cerca de 30 participantes, que se manifestaram em vários momentos, gerando discussões a respeito das vantagens e desvantagens da utilização da tecnologia em questão.

O segundo debate, intitulado “Madeira para a construção sustentável”, ocorreu em abril de 2007, no Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-RS), com a apresentação do professor Hilton Albano Fagundes, da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA - Canoas e Torres). O Debate foi rico em conteúdo e contou com cerca de 40 participantes. A figura 09 mostra imagens dos dois Debates CaSaNaT.



Figura 09: debates CaSaNaT. Fotos: Carolina Herrmann Coelho de Souza (30/01/2007 e 14/04/2007).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de projeto participativo criado e aplicado pela equipe de arquitetos “Criação em Arquitetura Sócio-Ambiental para o Núcleo Amigos da Terra” (CaSaNAT), foi desenvolvido para o contexto apresentado. Porém, pode ser adaptado a outros trabalhos com os mesmos princípios metodológicos que contemplem, principalmente, o desafio da interdisciplinaridade e da descentralização de poder, bem como a apropriação do projeto pelos futuros usuários desde o seu processo inicial. O envolvimento de diferentes atores e instituições num projeto de arquitetura traz uma qualificação tanto no projeto quanto no processo, se bem conduzido.

Considera-se como mérito desta experiência, partida dos próprios arquitetos, formar uma equipe de dez pessoas para elaborar o projeto que, ao mesmo tempo, trouxe diversas discussões e proporcionou um amadurecimento tanto pessoal como do grupo, onde houve um nivelamento de conhecimentos junto com a difusão de técnicas mais sustentáveis nos aspectos sociais e ambientais. Não se trata de um projeto padrão, mas se os processos do fazer arquitetura buscassem uma visão mais holística do seu processo, provavelmente, não teriam tanto impacto ambiental negativo na cidade e, ainda, poderiam contribuir na integração entre as pessoas que utilizam e que projetam os espaços.

Ao longo do processo, que durou seis meses até o momento, sentiu-se a necessidade de maior tempo para o cumprimento das etapas acordadas com o cliente, as quais foram baseadas em um projeto convencional de arquitetura. Assim, o tempo deste tipo de projeto está diretamente relacionado à abertura e à qualificação de pessoas no processo coletivo, principalmente, devido à busca de tomadas de decisão por consenso que, em um primeiro momento, é demorado, mas que propicia uma rápida execução posterior. As etapas foram concluídas dentro do prazo com o custo de uma sobrecarga de algumas pessoas da equipe, prejudicando a gestão interna do grupo que não conseguiu realizar todas as avaliações internas propostas, as quais poderiam ter facilitado o processo e a relação entre os indivíduos. É importante destacar que este processo ainda não está concluído e, internamente, existe a necessidade de ser feita uma avaliação final para que se dê continuidade na relação com o cliente, envolvendo os arquitetos na organização de outros debates e na de captação de recursos para a obra.

6. REFERÊNCIAS

BRIGGS, B. **Tomada de decisões por consenso**. Tradução Vanessa Marinho. São Paulo: Blue Monds, 1997.

GEESE (Global Ecovillage Educators for a Sustainable Earth). **Ecovillage Design Education**. Coordenação Christopher Mare, Direção do Programa: May East. Tradução Maria Christina Pinheiro. São Paulo: Gaia Education, 2005.

SATTLER, A. et al. **O Refúgio Biológico Bela Vista: a experiência de implantação de um empreendimento sustentável**. In: I Conferência Latino-Americana de Construção Sustentável – X Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído [Anais]. São Paulo: ANTAC, 2004.

CASANAT, Equipe. **Mutirão Projetual – Charrette**. Disponível em <www.natbrasil.org.br/sustentabilidade.htm>. Acesso em: 15 de maio, 2007.

7. AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao NAT, pela oportunidade concedida ao grupo; ao *Friends of Earth Internacional*, pelo financiamento do projeto; ao professor Miguel Sattler, da linha de pesquisa de Edificações e Comunidades Sustentáveis do NORIE; à facilitadora Potira Preiss; a todos participantes da *Charrette* e dos Debates; à Fundação Gaia; à professora Izete Zanesco; ao professor Arq. Hilton Fagundes; ao IAB-RS; e aos amigos Eng. Civil Luiz Ercole e Arq. Viviane Martins.